

Criação literária e perifерismo cultural

Para uma ideologia da marginalidade

Carlos Reis

Universidade de Coimbra

1. Num dos seus últimos romances, o escritor José Saramago imagina uma espécie de colapso geopolítico que muito simplesmente teria levado a Península Ibérica a *romper* com a Europa a que fisicamente estava ligada, derivando então, como jangada de pedra, para a imensidão do Atlântico.

Romper é, neste contexto, um termo justo e necessário. A ruptura é física, porque, por força de um fenómeno tectónico difícil de explicar, ocorre, na verdade interna da ficção, a fenda que rompe a ligação aparentemente indestrutível com o continente europeu; mas a ruptura vem a ser sobretudo cultural, se, aceitando-se em toda a extensão a metáfora ficcional que o escritor concebe, a entendermos como assunção de um destino histórico multissecular que fez, dos povos da Península Ibérica, parentes afastados de uma Europa com a qual, finalmente, pouco teriam que ver. Periférica por força de uma localização geográfica irreparável, a Península leva esse perifерismo às últimas conseqüências, afirma-se como irreversivelmente *marginal* e *rompe* com a Europa madrastra.

O romance seguinte de Saramago, a *História do Cerco de Lisboa*, aparentemente nada tem que ver com esta questão. Mas, bem pensadas as coisas, não é bem assim e não apenas porque se pense que, em Literatura, é sempre possível dar a volta ao que parece (ou não parece) óbvio. Recordemos brevemente que se trata, no romance, de tentar uma revisão da História, propondo-se, de novo, uma reflexão sobre o destino dos povos que a vivem, pela inversão do que era sabido: que os Cruzados ajudaram os Cristãos na conquista de Lisboa.

Porque, no romance, não pode contar com essa ajuda, Afonso Henriques – a quem, recorde-se, o inimigo muçulmano chama “o Galego” – por assim dizer *reinventa* um destino histórico português, sem a ajuda do estrangeiro arrogante, e limita-se à sua escassa força; escassa, mas afinal suficiente, porque Lisboa acaba por ser conquistada e “o Galego” reafirma, só por si, a sua independência.

Não é de xenofobia que aqui se trata. É antes da possibilidade de pensarmos, a partir do nosso ponto de vista cultural e com a legitimidade que uma longa vivência desse ponto de vista nos confere, a problemática do *periferismo*, em função das imagens, dos temas e dos valores que dela decorrem, por via de elaboração literária. Por outras palavras: a presente reflexão tem que ver, necessária e directamente, com a situação daquelas Literaturas cuja produção se desenrola em cenários culturais regular ou episodicamente marcados pela sua condição periférica, no plano geocultural.

As Literaturas Portuguesa e Galega, partes disso a que Otero Pedrayo chamou “*xardín das culturas periféricas molladas pola onda atlántica ou mediterránea*”, ambas as Literaturas, dizia, são, neste aspecto, em parte convergentes e solidárias entre si. E são-no não apenas pela sua comum raiz idiomática, mas também porque as suas respectivas modelização artística e difusão cultural se encontram de certa forma afectadas pela sua inscrição periférica. Acontece assim também por uma outra razão, tão natural como episodicamente dramática: é que a condição periférica tende, não raro, a acentuar-se, por força de mecanismos de centralização cultural que, à custa de censuras expressas, difusas interdições ou sinuosos procedimentos selectivos, agudizam o periferismo. Os traumas, as resistências, as atitudes nacionalistas, os exílios (físicos ou psicológicos) que daí decorrem geram facilmente uma espécie de *ideologia da marginalidade*, que, como toda a ideologia literariamente representada, resolve-se em signos e estratégias literárias próprias. Tentemos uma sua abordagem, fundamentada no testemunho de escritores em quem é visível isso a que chamaremos a *síndrome do periferismo*.

2. Num texto muitas vezes citado (porque um dos poucos em que projectou elementos autobiográficos), Eça de Queirós escreveu, referindo-se aos anos da sua formação em Coimbra:

Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos caminhos de ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alema-

nha (através da França) torrentes de coisas novas, ideais, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários...

E depois de invocar os nomes quase mágicos que então seduziam a sua geração (Michelet, Hegel, Vico, Proudhon, Victor Hugo, Goethe, Edgar Poe, Heine, etc.), Eça prossegue:

Naquela geração nervosa, sensível e *pálida* como a de Musset (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis) todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaça! E ao mesmo tempo nos chegavam, por cima dos Pirenéus moralmente arrasados, largos entusiasmos europeus que logo adoptávamos como nossos e próprios, o culto de Garibaldi e da Itália redimida, a violenta compaixão da Polónia retalhada, o amor à Irlanda, a verde Erin, a esmeralda céltica, mãe dos santos e dos bardos, pisada pelo Saxónio!... (1)

Retenham-se, por agora, deste texto (que é uma comovida homenagem à memória de Antero de Quental), três elementos: a orientação europeia desta geração, o seu fascínio pela França, origem ou lugar de passagem de correntes estéticas e de pensamento, e a forte presença, em 1862 ou 63, ano a que se refere o texto, do Romantismo, complexo e difuso paradigma cultural que, desde a época de formação, marcou indelevelmente o jovem Eça.

Trata-se, como sugeri, de um verdadeiro testemunho de geração, que Eça enuncia com o distanciamento (e também com a nostalgia) que as circunstâncias justificavam, nesse texto de homenagem ao amigo desaparecido. A Antero de Quental coubera, justamente, dar o mote de uma rebeldia quase constante em grande parte motivada pela consciência de um isolamento cultural que essa geração emergente contestava. O texto “Nota sobre a missão revolucionária da poesia”, publicado em posfácio às *Odes Modernas*, constitui uma análise severa da cinzenta e monótona atmosfera cultural portuguesa, afectada por um alheamento total em relação às grandes transformações sociais e políticas que atingiam a Europa. Dizia Antero, num tom irónico e sarcástico:

Que os meus quase patrícios de Portugal se não aterrem! Todas estas coisas anárquicas estão a cinquenta e a cem léguas das nossas terras patriarcais e a mil ou duas mil das nossas não menos patriarcais inteligências. Sob outros tectos, sob outras searas pairam as nuvens minacíssimas da próxima tormenta! A terra emudece, o ar solta suspiros misteriosos com o pressentimento da tem-

pestade que se avizinha! Mas sob os nossos tectos reina o contentamento dos simples; e, se as nossas searas nos não recusam o pão quotidiano dos crentes, que nos fazem a nós revoluções, democracias, progresso e leis da história? O progresso e a história são alguma coisa de turvo, de vertiginoso, de incompreensível. Para vivermos livres dos solavancos horríveis do torvelinho social resolvemos nós o problema de um modo todo nosso e a que, ao menos, se não negará originalidade – viver fora da história e do progresso.(2)

O que em Antero aqui soa a juvenil ímpeto há-de matizar-se, sem perder a sua motivação fundamental, quando o poeta das *Odes Modernas* lançar as Conferências do Casino, afirmando então, juntamente com os que eram seus companheiros do momento: “Não pode viver e desenvolver-se um povo, isolado das grandes preocupações intelectuais do seu tempo; o que todos os dias a humanidade vai trabalhando, deve também ser o assunto das nossas constantes meditações”(3).

Não muito tempo depois, outro jovem poeta, Cesário Verde, curiosamente a partir de um lugar duplamente periférico, porque o era também em relação à geração de Antero e Eça, há-de representar, num registro lírico, a mágoa da distância em relação à Europa. Isso a que Cesário chama “o sentimento de um ocidental” é algo mais do que uma referência difusa a Camões e à “ocidental praia lusitana”, celebrada na epopeia. Nesse ano de 1880, em que o tricentenário da morte do épico era pretexto para alusões de claro recorte ideológico, a homenagem de Cesário deriva para o âmbito que aqui me interessa contemplar e acentua, na ocidentalidade, uma espécie de isolamento congénito; esse angustiante sentimento de periferismo vem, pois, juntar-se, em Cesário, ao desconforto e à opressão sentidos na cidade extrema da Europa, crescentemente poluída e tornada impessoal, pelas dimensões que vai alcançando. De tal modo, que a partida de alguns parece invejável acto de superação de um tédio de nítida coloração finissecular:

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Acto de superação desse isolamento que parecia estigma indelével da Cultura Portuguesa é o que definitivamente lançará a Geração de *Orpheu*, em parte contra um Saudosismo de orientação culturalmente centrífuga, em parte também beneficiando do exemplo de cosmopolitismo estético protagonizado por um Simbolismo de proveniência francesa. As propostas de trabalho de *Orpheu*, mesmo tendo ficado parcialmente irrealizadas – ou, pelo menos, estranhas junto de um público manifestamente impreparado – essas propostas de trabalho, dizia, são inequívocas e valem como projecto de europeização inegável. “O que quer Orpheu? perguntava-se, em 1915. Resposta de Fernando Pessoa, nesse esboço de entrevista inédita:

Criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço. A nossa época é aquela em que todos os países existem, mais materialmente do que nunca, e pela primeira vez intelectualmente, existem todos dentro de cada um, em que a Ásia, a América, a África e a Oceania são a Europa, e existem todas na Europa. Basta qualquer país europeu – para ter ali toda a terra em comprimido. E se chamo a isto *europes*, e não americano, por exemplo, é que é a Europa, e não a América, a *fons et origo* deste tipo civilizacional, a região civilizada que dá o *tipo* e a *direcção* a todo o mundo.

Por isso a verdadeira arte moderna tem de ser maximamente desnacionalizada – acumular dentro de si todas as partes do mundo(5).

O lisboeta cais de Alcântara é, pois, Pessoa *dixit*, já um cais europeu. Nele talvez, contemplará Álvaro de Campos, na “Ode Marítima”, o movimento, o rumor e a dispersão que são motivo de euforia civilizacional, mas já, também, difusa ameaça para um sujeito em quem se anuncia a crise do tédio. Os paquetes que entram vêm de uma distância que a modernidade quer anular, trazendo, todavia, consigo a insinuação de sombrias ameaças:

Os paquetes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega a parte.
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos
Doutro modo da mesma humanidade noutros pontos.
Todo o atracar, todo o largar de navio,
É – sinto-o em mim como o meu sangue –
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui...(6)

3. Um ano depois da publicação, no número 2 de *Orpheu*, da "Ode Marítima" de Campos, aparecia, pela iniciativa de Antón Villar Ponte, a primeira das "Irmandades da Fala", desde logo empenhadas numa activa política de consolidação do galego, como língua revitalizadamente culta. Aparentemente, trata-se de uma quase coincidência – e nada mais do que isso. Mas realmente é possível observar, no dinamismo europeizante de *Orpheu* e no restauracionismo linguístico-cultural das "Irmandades da Fala", duas faces de uma mesma moeda, dois registos dialécticamente articulados de um mesmo discurso: aquele que, de forma enviesada, enuncia a *síndrome do periferismo*, procura contrariar os seus efeitos e propõe fórmulas para a sua superação. Porque nessa superação participa dinamicamente a Literatura, é necessário e conveniente ponderarmos os termos em que alguns dos mais destacados escritores galegos reflectiram sobre o periferismo; e fizeram-no a partir de uma consciência variavelmente nítida de que ele é um condicionamento que, de um modo ou outro, interfere na produção literária – e, através dela, na configuração das imagens dominantes representadas pela cultura galega, do Resurgimento para cá.

Não se trata aqui, note-se desde já, de estabelecer um esquemático paralelismo com a Cultura Portuguesa e designadamente com os depoimentos que antes evoquei – mesmo porque paralelismos semelhantes são quase sempre e quase todos redutores e falaciosos; e não procuro também, como é óbvio, esgotar, no que à Cultura e à Literatura Galegas diz respeito, a análise de um problema que não cabe nas fronteiras desta intervenção e muito menos nas do meu conhecimento de ambas, conhecimento que, não sendo de especialista, não deixa de ser enformado por admiração e empatia inequívocas.

Por outro lado, é preciso dizer que a autognose do periferismo estabelece-se e desenvolve-se em função de uma problemática mais ampla, que é a do atraso e desprezo que, em quase todos os domínios, afectou uma Galiza durante séculos abandonada pelo poder central; ainda em 1935 Castelao, num contexto dominado por temas como a emigração, o subdesenvolvimento que a provoca e a saudade da terra-mãe, podia escrever:

Eu son d-unha Terra onde os labregos non foron capaces de aturaren o despotismo señorial, e máis d-unha vez (van alá centos de anos) fixeron revolucions sanguifentas. Dos tempos abolidos quedan aínda os foros; pero esta cárrrega vai alixeirándose-

se a forza de rebeldías sordas. Certo é que desapareceu o amo terratenente; pero foi substituído por moitos amos confabulados, que fan chegar a Galiza o reparto da miseria central. Hoxe a miña Terra é un bocado da República, povoado por traballadores que aínda temen á xusticia oficial, porque nunca se lexista para eles(7).

Não são, no entanto, textos como este que aqui me interessam directamente, mas antes aqueles que, no âmbito de postulações meta-literárias, podem ser considerados textos programáticos; resultam esses textos de uma reflexão doutrinária, em princípio de incidência estética, mas com eventuais extensões ideológicas, e tendendo a orientar as práticas literárias do seu tempo. Por outras palavras: pode falar-se em texto programático, sempre que um escritor (e também um ensaísta ou um crítico), enuncia os parâmetros que devem reger o fenómeno literário, visando questões de ordem técnica (opções de estilo ou de género, tratamento de categorias artísticas, adopção de estratégias discursivas, etc.) ou de ordem sociocultural (funções da obra literária, estatuto do escritor, etc.). Ao mesmo tempo, o discurso em que se articula um texto programático apresenta-se como um discurso fortemente assertivo, isto é, dotado de uma grande capacidade de afirmação do que se lhe afigura serem as verdades fundamentais, os indiscutíveis princípios por que deve pautar-se o fenómeno literário: sem ser exactamente um discurso de propaganda, ele procura constituir-se como discurso de doutrinação, no sentido em que "visa um efeito a longo prazo, sobre um pequeno número de indivíduos que de doutrinados tornar-se-ão por sua vez doutrinadores"(8).

Trata-se, portanto, de testemunhos que, preparando e anunciando a produção literária, constituem as suas margens, mas margens que importa conhecer e valorizar, na justa medida da dimensão doutrinária que as caracteriza e do auto-conhecimento que propiciam, sintomaticamente realçados, na importância de que se revestem, pelos próprios escritores: por alguma razão escreveu Eduardo Blanco Amor "que as millores colleitas do saber de nós, chegaram-nos nos poetas"(9).

Não certamente por acaso, as primeiras tentativas que, de forma efectivamente continuada e consequente, procuram reafirmar o galego como língua literária, partem de posicionamentos a todos os títulos periféricos – se é que não mesmo, em muitos aspectos, agudamente sentidos como marginais; e dentre os nomes que, quase obrigatoriamente aqui cabe mencionar, o de Rosalía de Castro é, na diver-

sidade dos registos em que se manifesta, uma referência incontornável. "Este pobo a quen moitos chaman estúpido e a quen quisáis xusguen insensibre, estraño á devina poesía", é o povo que, a partir de *Cantares Gallegos*, tenderá a ser consciencializado, pela palavra da poesia, de uma marginalização e de um desprezo que atingem, antes de mais, o idioma, "sin gramática nin regras de ningunha clas", diz Rosalía. E insiste:

Cantos, bágoas, queixas, sospiros, seráns, romerías, paisaxes, devesas, pinares, soidades, ribeiras, costumes, (...) todo esto me atrevín a cantar neste homilde libro pra desir unha vez siquera, i anque sea torpemente, ós que sin razón nin coñecemento algún nos desprezan, que a nosa terra é dina de alabanzas, e que a nosa lingua non é aquela que bastardean e champurrán torpemente nas mais ilustradísimas provincias cunha risa de mofa que, a desir verdade (...) demostra a iñorancia máis crasa i a máis imperdoable inxusticia que pode facer unha provincia a outra provincia irmán, por probe que ésta sea(10).

A "imperdoável injustiça que pode fazer uma província a outra província irmã", diz Rosalía num contexto muito marcado pelo teor inovador e nacionalista de uma proposta literária em que a opção do galego como língua literária significa várias coisas: a assunção do direito a uma diferença cultural, diferença que marca distâncias em relação a outros cenários culturais; a rejeição de um cânone linguístico centralizador e descaracterizador; a consciência nítida de que essa diferença assumida arrosta com juízos de desqualificação, em conexão directa com a marginalização (económica, social, cultural) que afecta a Galiza.

É preciso lembrar que aos sentidos de marginalidade que atravessam o testemunho citado não são certamente estranhas circunstâncias de ordem pessoal, com funda incidência psico-cultural: as circunstâncias do nascimento de poetisa e a difícil (na época) condição da mulher-escritora são coordenadas dominantes de uma propensão para um certo culto da marginalidade, que a predisposição romântica não fazia senão acentuar. O prólogo rosaliano a *La hija del mar* e a conhecida e semi-heterónima "Carta a Eduarda (Las literatas)" são disso mesmo manifestações muito expressivas.

De recuperação do periferismo e de anulação da marginalidade pode falar-se também quando Curros Enríquez abre os seus *Aires da miña terra* com uma introdução em verso que é também louvor

do galego como idioma literário, louvor não isento de uma euforia redentora que em Rosalía se não encontra. Como quer que seja: do que se trata fundamentalmente é da dignificação da língua pelo poeta, "novo Oráculo" que ás "xentes tristes" revela o futuro de uma dignidade cultural protagonizada por um idioma por fim arrancado à marginal estreiteza do seu provincialismo:

Cando todas as lenguas o fin topen
que marca a todo o providente dedo,
e cos vellos idiomas estinguídos
sola unha fala universal formemos;

Esa fala pulida, idioma úneco,
mais que hoxe enriquecido, e máis perfeito,
resume das palabras máis sonoras
que aquelas nos deixaran como en herdo;

Ese idioma, compendio dos idiomas,
como onha serenata pracenteiro,
como onha noite de luar docísimo,
será - qué otro sinón? - será o gallego(11).

4. A assunção do periferismo, mesmo a vivência difusa da marginalidade, não significam necessariamente isolamento radical ou negação dessa universalidade que toda a cultura com verdadeira identidade nacional propende a atingir. O que a este propósito aqui trouxe da Literatura Portuguesa revelava-o já; confirmam-no também testemunhos de dois escritores galegos distanciados no tempo, Ramon Otero Pedrayo e Eduardo Blanco-Amor, ambos empenhados em articular harmoniosamente a dialéctica nacionalismo/universalismo, tema fundamental da moderna Cultura Galega. Em todo o caso, fazem-no em cenários culturais que, não sendo já o de Rosalía e Curros, convidam a superar limitações que um poeta dos nossos dias, Celso Emilio Ferreiro, procura exorcizar, nos termos tão explícitos como veementes de uma "Autopoética" datada de 1955:

Pelo que se refire ós poetas galegos, si queren ser fideles a sí mesmos e á terra, teñen que fuxir da arqueoloxía estéril e do ruralismo pedáneo. Teñen que retorcerlle o pescozo ó reiseñol do lirismo lacrimógeno, saudoso, vello estilo. En troques, teñen que mergullarse con desesperado esforzo no mundo social da nosa terra; nos problemas vivos do noso tempo; nas angurias das nosas xentes. Pero con ollos recén abertos, con palabras de

hoje, con fórmulas novas en canto ó enfoque cordial e á perspectiva psicolóxica(12).

A conquista do universalismo não significa, como é óbvio e Celso Emilio claramente deixa entender, divórcio em relação às que são balizas fundamentais de uma identidade cultural própria. Disse-o também Otero Pedrayo, quando sublinhou que “Galiza foi universal cando foi enxebremente galega, e foi un tristeiro grupiño de provincias cando estivo a piques de deixar de ser galega”; e acrescentou: “No próximo tempo románico a Galiza galega falando a sua língua alcançou un universalismo superior ao de todas as outras terras da Iberia”(13).

Esta preocupação universalista tem a sua tradução própria, no plano da produção literária, quando está em causa o diálogo vivo da Literatura Galega com exigências estéticas que transcendem um folclorismo em certos aspectos limitativo e acentuam, no idioma que a plasma, uma maturidade que é também evidência de universalidade. O admirável “Prólogo útil” que Eduardo Blanco-Amor escreveu para *Xente ao lonxe* constitui, neste aspecto, um testemunho altamente significativo. “Esta noveliña”, afirma Blanco-Amor, “pretende ser do xeito máis espreso e (...) PRINCIPALMENTE, un exercicio de lingoaxe”. Não um exercício de linguagem, entendamo-nos, no sentido em que o foram movimentos literários que, sobretudo do fim-de-século em diante, revolucionaram concepções miméticas da representação, desestruturaram a linearidade do discurso e fizeram, não raro, da comunicação literária uma actividade restringida aos iniciados nas regras de sofisticados códigos artísticos. É Blanco-Amor quem explicita a dimensão deste “exercício de lingoaxe”, orientando-se numa direcção que não põe em causa, antes aprofunda, a afirmação da Literatura Galega como entidade virtualmente universalizante, a partir da modelação de um idioma que tem que procurar as fórmulas da sua maturidade artística; não se deve, diz o escritor, “caír na falsa seguridade de considerarnos usufructuarios dun idioma maduro”, tal como deve reconhecer-se, sem complexos nem remorsos, que “nos queda lonxe o tempo no que escribir en galego era un mérito apriorístico e ‘de por sí’ pra aporile e alguén talento literario”:

Tratase, digo, de acadar as formas do manexo “cómodo” nos narradores destinadas á ausorción ‘natural’ nos lectores. E

pra estes logros da plenitude temos que empezar por reconocer que aínda é pouco o tempo que a nosa prosa leva en procura de sí mesma, do seu acomodamento ás sucesivas funcións que se lle veñen (intermitentemente ademáis) esixindo nunha práctica extraescolar, infrauniversitaria e sin rexencia nin acatamento académicos, pola falla mesma dunha coherencia académica no aspecto da autoridade didáctica(14).

Por certo que algo mudou já, relativamente a esta situação, deste que Blanco-Amor escreveu, em 1970, o “Prólogo útil” ao seu romance. Subsiste, no entanto, alguma coisa de actual, se não no conteúdo pelo menos nos propósitos que se encontram implícitos nas palavras do romancista; porque o que aqui está em causa é um duplo movimento, harmoniosamente desenvolvido numa tomada de posição programática e metaliterária: a assunção da precariedade da língua literária, sobretudo passada mas ainda visível em sequelas do presente, precariedade que é fruto consabido de uma multissecular marginalização cultural; por outro lado, a recusa *activa* dessa marginalização, não cingida à lamentação do ostracismo, antes interpretada por uma dinâmica de modernização do idioma, como instrumento de universalista criação literária, colocando a Literatura Galega nos antípodas dessa “arqueoloxía estéril e do ruralismo pedáneo” de que falava Celso Emilio Ferreiro.

5. Em Literaturas marcadas pela vivência, episódica ou contínua, de uma condição periférica, relativamente aos grandes centros de difusão cultural, é possível falar numa tendência para a marginalidade, susceptível de esboçar o sistema de crenças, valores e juízos que é próprio de toda a ideologia. Uma tal tendência equaciona-se aqui, em jeito de conclusão, sobretudo como hipótese em aberto, susceptível de convalidações que noutras alturas caberá efectuar; a postulação de uma tal hipótese parece, no entanto, legitimada pelos termos em que me tenho referido à problemática do periférico, como tendência verificável e mesmo, em certos casos, síndrome psico-cultural intensamente vivida.

Questionemos por agora, em diversos planos, o conceito mesmo de *marginalidade* e reconheça-se-lhe, desde já, o estatuto de conceito conotado por sentidos e atmosferas próprias: a radicalidade das atitudes, a conflitualidade, a propensão para a agressividade, de um modo geral a vivência de uma rebeldia que, em tempos de referência

ou revivescência romântica (em Garrett ou em Rosália, em Curros ou em Antero), assume a dimensão de emblema psicológico. Mas a marginalidade, em domínios de manifestação social, psicológica ou cultural, a marginalidade que as instituições judiciais tendem a reprimir ou isolar, em favor de modos de vida "normalizados" e adversos a toda a diferença, essa marginalidade, dizia, afirma-se sobretudo pela configuração de sentidos dominantes: o sentido da *distância*, a consequente valorização da *margem* enquanto lugar de fixação de atitudes centrífugas, o *isolamento* feito de voluntarismo e desejo de auto-afirmação.

Na base destas dominantes — que, sendo semânticas, podem enunciar-se através de práticas discursivas sintacticamente organizadas e dotadas de propósitos pragmáticos —, compreende-se que a criação literária constitua em âmbito privilegiado de insinuação da marginalidade; e acontece assim quando a prolongada vivência de situações culturalmente periféricas explode em práticas subversivas, tanto no plano primariamente lingüístico, como no plano secundariamente estético-literário. Para mais, não raro (mas sobretudo em cenários psico-culturais de recorte romântico) a própria criação literária aparece associada a uma marginalidade que procura resolver-se em rebeldia de vocação universalizante. Disse-o, entre outros, Miguel Torga, justamente num dos muitos textos em que, de um ponto de vista ainda romântico aludiu à missão do poeta:

Só quando insubmissos, e por isso dignos do seu nome, os poetas serão capazes de cumprir a sua missão divinatória por conta de todo o sofrimento humano. Somente da fortaleza da sua independência poderão oferecer à angústia universal a chave de um futuro melhor, construído sobre a denúncia dos crimes e das injustiças de que são testemunhas(15).

Nos escritores e nas Literaturas que vivem agudamente a síndrome do periferismo, é desta insubmissão que, *mutatis mutandis*, se nutre o culto de uma marginalidade que não se resolve necessariamente em comportamentos destrutivos ou em discursos de exclusiva entoação pessimista. É que, a partir da marginalidade, pode viver-se também a necessidade do reencontro e do regresso a casa, seja essa casa a nação abandonada ou a Europa madrasta, uma e outra capazes, afinal, de acolher o sujeito pacificado, que de si mesmo expurgou a doença do periferismo; disseram-no dois intelectuais de invul-

gar estatura, em Portugal e na Galiza, em palavras que quase poderiam inverter-se, quanto à realidade a que se referem, sem por isso perderem sentido. Disse-o Otero Pedrayo, falando da Galiza como terra prometida:

Hai unha terra prometida pra os galegos: Galiza. Unha terra quer decir un espírito. Un camiño polo deserto pra conseguila: un tempo de sacrificio e idealidade, de todos os instantes, de todos os homes, de todas as enerxías. Solo se pode chegar a ser universal, é decir, triunfador do tempo, facéndose donos da terra da redención, pra que nela poda nacer a palabra da verdade. Cando Galiza sexa dona do seu espírito será escoitada polo mundo, e o travolta será o fogar a onde acudan os camiños infínidos da terra e da mar(16).

Disse-o também Eduardo Lourenço, reflectindo sobre o diálogo de Portugal com a Europa, diálogo simultaneamente ressentido e fascinado:

É quixotesicamente que devemos viver a Europa e desejar que a Europa viva. Com a mesma ironia calma com que Caeiro se vangloriava de oferecer o Universo ao Universo, nós, primeiros exilados da Europa e seus medianeiros da universalidade com a sua marca indelével, bem podemos trazer a nossa Europa à Europa. E dessa maneira reconciliarmo-nos, enfim, connosco próprios(17).

NOTAS

- 1 - E. de Queirós, "Um génio que era um Santo", in *Notas contemporâneas*, pp. 254-255.
- 2 - A. de Quental, *Odes Modernas*, Lisboa, 1983, pp. 209-210.
- 3 - "Programa das Conferências Democráticas", in A. de Quental, *Textos Doutrinários e Correspondência*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1987, p. 175.
- 4 - C. Verde, *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Ulisseia.
- 5 - F. Pessoa, *Textos de intervenção social e cultural. A ficção dos heterónimos*, Lisboa, Pub. Europa-América, 1986, p. 67.
- 6 - Álvaro de Campos, *Poesias*, Lisboa, Ática, 1978, p. 163.
- 7 - Afonso R. Castelao, *Sempre en Galiza*, Madrid, Akal, 1976, p. 17.
- 8 - O. Reboul, *Langage et idéologie*, Paris, P.U.F., 1980, p. 160.
- 9 - E. Blanco-Amor, "Xustificación" a *Teatro para a xente*, Vigo, Galaxia, 1974, p. 9.
- 10 - Cf. Rosália de Castro, "Prólogo" a *Cantares Gallegos*, in *Obras Completas*, 7ª ed., Madrid, Aguilar, 1977, pp. 69-70.
- 11 - M. Curros Enríquez, *Aires da miña terra e outros poemas*, 5ª ed., Vigo, Edicións Castrelos, 1977, pp. 13-14.

- 12 - C. Emilio Ferreiro, *Obra Completa*, Madrid, Akal, 1975, p. 21.
 13 - R. Otero Pedrayo, *Obras selectas. Parladoiro*, Vigo, Galaxia, 1973, vol. I, p. 93.
 14 - Cf. E. Blanco-Amor, "Prólogo útil" a *Xente ao lonxe*, 4ª ed., Vigo, Galaxia, 1985, pp. 10-15.
 15 - M. Torga, *Didrio VI*, 2ª ed., Coimbra, Ed. do Autor, 1961, p. 18.
 16 - R. Otero Pedrayo, "A terra prometida", *A Nosa Terra*, 259, 1-IV-1929, in *Obras Selectas. Parladoiro*, Vigo, Galaxia, 1973, vol. I, p. 76.
 17 - E. Lourenço, *Nós e a Europa ou as duas razões*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 37.